

CADERNO DE SOCIOLOGIA

**Ensino Médio – 3ª Série
Material do Aluno/Aluna**

Fábio Coelho Pinto - DRE Cameté

Jariones Cruz Setúbal - DRE Xinguara

Juliete Miranda Alves- CEFOR

Martha Regina Freitas - DRE Bragança

Sumário

SEMANA 1: RACISMO E DESIGUALDADE

- 1.1 Resumo teórico
- 1.2 Atividades de aprofundamento
- 1.3 De olho no conceito.
- 1.4 Quadro de descritores

SEMANA 2: AS DIFERENTES FORMAS DE RACISMO

- 2.1 Resumo teórico
- 2.2 Atividades de aprofundamento
- 2.3 De olho no conceito.
- 2.4 Quadro de descritores

SEMANA 3: COMPREENSÕES SOBRE O RACISMO NO BRASIL

- 3.1 Resumo teórico
- 3.2 Atividades de aprofundamento
- 3.3 De olho no conceito.
- 3.4 Quadro de descritores

SEMANA 4: A DESCOLONIZAÇÃO E O COMBATE AO RACISMO

- 4.1 Resumo teórico
- 4.2 Atividades de aprofundamento
- 4.3 De olho no conceito.
- 4.4 Quadro de descritores

REFERÊNCIAS

Apresentação

Prezados alunos e alunas,

Apresentamos o segundo caderno do componente curricular de Sociologia. Sabemos que este componente é importante para que nossos discentes possam ter uma visão crítica das diferentes realidades que se apresentam no mundo. Desde Émile Durkheim (1858-1917) a Sociologia é uma ciência fundamentada em procedimentos metodológicos de interpretação do mundo e seus problemas sociais. E com o avanço tecnológico da sociedade, cresce a necessidade de um olhar sociológico para compreendermos as origens e as causas desses problemas e possíveis intervenções com a proposição de políticas públicas que possam diminuir os abismos das desigualdades sociais.

É nessa intenção que apresentamos este caderno, para refletirmos com nossos discentes da Rede Pública do Estado do Pará, o tema sobre o Racismo e suas implicações. Pretendemos também apresentar como vários estudos apontam para a perspectiva decolonial (Munanga, 2010) que indicam a descolonização das mentes e das práticas como ação de combate ao racismo na sociedade. Professor e professora, por que não estabelecermos este debate nas escolas?

As escolas são espaços importantes para o debate de ideias, e mais, para mostrarmos que um problema social é o resultado de relações sociais de poder e dominação na sociedade, e essas relações modificam-se no decurso da história. A Sociologia parte de uma observação sistemática e pormenorizada dessas relações de poder, dos grupos sociais e suas formas de organizações nas diferentes sociedades.

Este caderno tem como tema o Racismo e suas implicações e como **OBJETO DE CONHECIMENTO “Discursos racistas, etnocentristas e evolucionistas e sua contraparte nas sociedades contemporâneas: a eugenia, o arianismo, o colonialismo, o relativismo cultural e o multiculturalismo”**, para a 3º série do Ensino Médio. Procuramos mobilizar, por meio da Sociologia, os Descritores de Língua Portuguesa e de Matemática. Em Língua Portuguesa a importância da compreensão e da proficiência leitora. E em Matemática, a partir de dados numéricos e/ou estatísticos, o tratamento qualitativo destas informações para compreensão dos fenômenos sociais.

Este caderno apresenta a seguinte organização. Um resumo teórico com as principais questões a serem tratadas no tema. Uma atividade de aprofundamento, no total são 12

questões a semelhança do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para exercício do tema tratado.

Finalmente, a nossa abordagem metodológica neste caderno é a transdisciplinaridade, um conceito que rompe com os paradigmas acadêmicos formais e disciplinares e promove a interação de diferentes áreas do conhecimento para promover uma compreensão mais ampla de um tema.

SEMANA 1 - RACISMO E DESIGUALDADE

Resumo teórico

A desigualdade para a sociologia não é somente a econômica, ela se apresenta em diferentes dimensões sociais. Entre elas destacamos a desigualdade racial. Raça é um operador social que continua a produzir efeitos, sendo usada para agregar indivíduos e grupos que compartilham certos aspectos físicos observáveis e ajuda a determinar uma atitude negativa frente a eles. Raça é uma construção social essencialista, ampla e infelizmente aceita (Munanga, 2010) e foi historicamente reforçada em práticas cotidianas (Schwarcz, 1998).

O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras, atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas, psicológicas, à "raça" e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas. Parte importante deste jogo de dominação é, como adverte Walter Benjamin, transformar a história em uma história oficial dos vencedores, um registro das vitórias dos grupos dominantes. Contudo, o autor nos convoca a "escovar a História a contrapelo" (Benjamin, 1992, p. 161), ou seja, a construir uma história crítica, **anti-hegemônica**, rejeitando a possibilidade de silenciamento da memória. Não podemos esquecer que muitas formas de se pensar os negros são provenientes do discurso científico do século XIX, produzido a partir das teorias raciais europeias.

O racismo "explicado" pela ciência foi a forma de manter a desigualdade de tratamento entre brancos e negros, naquele momento histórico (Nunes, 2006). Tanto quanto as mulheres, as crianças e outros grupos não brancos, os negros são historicamente vistos pelo poder e pelo senso comum como menos inteligentes e racionais (portanto menos capazes para o trabalho intelectual) e mais ligados ao universo dos instintos, das emoções, mais propensos às superstições (Corrêa, 2006). Como explica Neuza Santos Souza, no importante livro Tornar-se Negro (1983), a violência racista atinge o corpo do negro não necessariamente de forma física.

O corpo do negro é visto pejorativamente em relação ao do branco; ressaltando-se principalmente os atributos ligados à força física (ligada à capacidade para o trabalho manual) e a uma hipersexualidade, quase descontrolada. Nesta visão preconceituosa o branco e a branca são os únicos legítimos herdeiros e construtores do progresso e desenvolvimento do homem. Eles são a cultura e a civilização, em uma palavra - a "humanidade". Os atributos físicos ditos dos negros são geralmente pensados no negativo e sempre postos em comparação desfavorável aos ideais estéticos etnocêntricos. Vejamos os exemplos

discriminatórios: o cabelo crespo como sendo "ruim", "duro", "bombril" (palha de aço). A apreciação depreciativa do nariz dos tipos negros, que seria "chato", "grosso" em oposição ao "fino" dos brancos, que seria considerado bonito. e mais que isso, o ideal da beleza.

Atividades de aprofundamento

1- Leia os textos a seguir

Texto 1

O que é Racismo?

Primeiro, é importante lembrar que, do ponto de vista biológico, não existem “raças humanas”. A ideia de raça foi socialmente construída: é uma poderosa invenção criada para justificar o domínio de um grupo de pessoas por outro. A mudança fundamental é que, ao longo do século XVI, construiu-se a ideia de que havia grupos humanos superiores. Essa ideia, diz ele, ganharia fôlego com o trabalho de alguns filósofos iluministas do século XVII, e seria usada como justificativa para colonizar povos africanos.

Fonte: Brasil de Direitos (20/03/2019).

Texto 2

No cotidiano da sociedade brasileira estão normalizadas frases e atitudes de cunho racista e preconceituoso. São piadas que associam negros e indígenas a situações vexatórias, degradantes ou criminosas. Ou atitudes baseadas em preconceitos, como desconfiar da índole de alguém pela cor de sua pele.

Fonte: Brasil de Direitos (20/03/2019)

A partir das leituras dos textos, podemos afirmar que,

- (A) O racismo pode ser compreendido também do ponto de vista biológico, apesar de que o fato biológico, não justifica o preconceito.
- (B) O racismo foi construído socialmente, em um primeiro momento para justificar a escravização de pessoas negras e depois como forma de dominação de um grupo sobre outro.
- (C) Na sociedade contemporânea o racismo deve ser compreendido como uma herança da escravização no Brasil, desde o início do século XVI até o ano de 1888. E após este período estamos convivendo com uma sociedade mais igualitária.
- (D) O racismo está superado no Brasil, somos uma país pacífico, temos casos isolados de preconceito pela raça. Contudo, não caracteriza o Brasil como racista.
- (E) Há um exagero na luta contra o racismo. Tudo atualmente é preconceito, até fazer piada.

2- O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) avaliou os motivos de abandono escolar entre pessoas de 14 a 29 anos segundo o recorte de cor ou raça. A análise demonstrou certa similaridade nas razões que explicam o afastamento da população preta ou parda e da população branca da escola, como se pode conferir na tabela a seguir.

Pessoas de 14 a 29 anos e que não frequentam escola, com nível de instrução inferior ao médio completo, segundo o sexo e a cor ou raça

Sexo e cor ou raça	Total	
	Absoluto (milhões)	Percentual (%)
Total (1)	9,0	100,0
Sexo		
Homem	5,2	58,1
Mulher	3,8	41,9
Cor ou raça		
Branca	2,5	27,4
Preta ou parda	6,4	71,6

Fonte: IBGE/PNAD.2023.

Os dados levantados pelo IBGE estão associados,

- (A) Ao equilíbrio estrutural de poder.
- (B) À intolerância cultural.
- (C) À discriminação territorial.
- (D) À desigualdade étnico-racial.
- (E) Não há desigualdade racial no Brasil

3- A música “Preto Demais” de Hugo Ojuara, descreve as desigualdades raciais no Brasil.

*Enquanto seu discurso tá pronto na internet
Prenderam o neguinho ali na Praça Sete
Que tava pedindo dinheiro pra vender chiclete
Mas com playboy fumando um boldo ali ninguém se mete.
Porque o pai é juiz e a mãe é delegada
Enquanto a mãe do neguinho é sua empregada
Um corre danado, maior agonia
E pega um busão lotado pra delegacia
Chegando na delegacia
A mãe do neguinho pergunta assim para o doutor delegado
(Mas o que foi que ele fez pra estar algemado?)
O doutor começa então a descrever o caso
É que ele é preto demais
Corre demais, fala demais, sorri demais*

*Tá estudando demais, comprando demais
Viajando demais e assim não dá mais.*
(Hugo Ojuara)

A música de Hugo Ojuara aborda dois marcadores sociais para explicar as desigualdades existentes no Brasil, são eles,

- (A) Cor e classe.
- (B) Cor e nacionalidade.
- (C) Cor e gênero.
- (D) Classe e nacionalidade.
- (E) Cor e religião.

De olho nos conceitos

- **Marcadores sociais:** Os Marcadores Sociais são definidos por características diversas que compõem cada indivíduo, como: gênero, região, religião, cor de pele, etnia, entre muitas outras. Muitas vezes esses marcadores, quando não tratados e analisados de forma mais profunda, podem fazer com que reproduzimos desigualdades, estereótipos e pré-conceitos, muitas vezes “naturalizando-os”. Isso dificulta um olhar mais amplo sobre as diferentes pessoas e suas diferentes realidades da maneira que elas necessitam ser observadas.

- **Anti- hegemônico:** Movimentos que representam possibilidades de espaços políticos de fundação, resistência, civilidade e de revelação dos homens como agentes, através do exercício das categorias propostas por Arendt: identidade, pluralidade e capacidade de iniciar algo novo. (Arendt, 1990)

- **Etnocentrismo:** Etnocentrismo é a tendência de julgar outras culturas com base na própria cultura, considerando-a como superior. Podemos inferir algumas características do etnocentrismo, como: impor a própria cultura sobre os outros, classificar, subjugar e inferiorizar outras culturas, desconsiderar outras culturas, considerar a própria cultura como o ponto de partida para avaliar e qualificar todos os outros, vê-se como superior em relação a aspectos culturais, religiosos e étnico-raciais.

SEMANA 2 AS DIFERENTES FORMAS DE RACISMO

Resumo teórico

O racismo é previsto como crime pela Lei 7.716/89, que pune todo tipo de discriminação ou preconceito, o ato é composto por diversos aspectos e, mesmo sendo passível de punição, ainda é muito presente no Brasil.

As teorias decoloniais consideram o racismo como uma estrutura de poder que se baseia na lógica colonialista e eurocêntrica. O pensamento decolonial busca combater o racismo e as desigualdades sociais e étnico-raciais (Quijano, 2017).

O racismo pode se manifestar em diversas formas, como o racismo estrutural, institucional, interpessoal, ambiental, religioso, cultural, entre outros. Contudo é importante ressaltar que o racismo é uma estrutura de poder, que classifica os indivíduos pela cor, pela origem, pelo território. Portanto, o que pontuamos como formas, podem ser reveladas em outros comportamentos e em diferentes contextos, regionais, nacionais e internacionais. Ao sinalizarmos alguns tipos de racismo não se esgota as múltiplas manifestações racistas encontradas no cotidiano.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), entre 2018 e 2021, os casos de racismo saltaram de 1.429 para 6.003, representando um aumento de 31%. Os dados são preocupantes, principalmente quando as diferentes faces do racismo ainda são desconhecidas e muitas vezes negadas.

Tipos de racismo

O racismo pode ser dividido (e não esgotados) em diferentes manifestações, pois, sendo um ato baseado na convicção de predominância, é cometido em diversas situações, como:

1-Racismo institucional: O racismo institucional consiste na prática de atos discriminatórios no interior de uma instituição ou sistema, como escolas, trabalho e órgãos públicos, que resulta em um tratamento desigual com base na raça ou etnia das pessoas. Esse tipo de racismo pode resultar em disparidade sistemáticas de oportunidades, acesso a recursos e tratamento injusto com base na cor, raça e origem.

2- Racismo estrutural: Semelhante ao racismo institucional, o racismo estrutural refere-se a padrões sociais e políticos, nos quais as desigualdades sociais são perpetuadas nas práticas cotidianas. Isso pode incluir a segregação residencial, a segregação racial nas escolas, as disparidades no sistema de justiça criminal e a falta de representatividade racial em posições de poder.

3- Racismo individual: Este é um dos tipos mais conhecidos de racismo. Atitudes, crenças e comportamentos são direcionados diretamente a uma pessoa em específico, incluindo comentários, ofensas, exclusão e violência física e verbal, o que pode causar efeitos prejudiciais duradouros na saúde mental das pessoas que são alvo dele.

4- Racismo internalizado: Apesar de ser pouco discutido, esse tipo de racismo é mais frequente do que se imagina, sobretudo considerando os demais tipos de racismo que uma pessoa pode sofrer. Isso porque, nessa categoria, as atitudes e as crenças preconceituosas são,

como o próprio nome diz, internalizadas por membros de grupos racializados, que não aceitam a si, ou a membros de seu próprio grupo.

5- Racismo ambiental: Esse tipo de racismo é detectado quando pessoas que vivem em regiões periféricas não recebem a mesma atenção de políticas públicas que vivem em áreas centrais.

6- Racismo recreativo: Principal assunto abordado no livro do escritor Adilson Moreira, o racismo recreativo, apesar de ser pouco conhecido, é um dos mais cometidos no entretenimento e comemorações do dia a dia. Isso porque, nele, características e costumes raciais são empregados de forma pejorativa, reforçando estereótipos e preconceitos. Essas formas de entretenimento podem incluir, por exemplo, festas temáticas que reforçam estereótipos raciais, fantasias raciais ofensivas em festas de Halloween ou práticas culturais apropriativas que desrespeitam a cultura de determinado grupo étnico. Essas ações podem parecer 'recreativas' para algumas pessoas, mas são prejudiciais e contribuem para a perpetuação do racismo e da discriminação racial.

Atividades de aprofundamento

4- Leia a notícia.

Biomédica negra denuncia racismo em hotel de luxo em SP: 'Duvidaram que eu poderia ser uma doutora'

A biomédica Lih Vitória, de 30 anos, relatou ter sofrido racismo em um hotel de luxo na cidade de Santo André, ABC Paulista, na última quinta-feira.

Hospedada a trabalho em uma unidade da Rede Bristol, Lih contou que, ao tentar realizar check-out do hotel pela manhã, foi questionada por diversas vezes sobre os seguintes pontos: A veracidade do e-mail de reserva enviada pela empresa em que ela trabalha; se realmente ela fazia parte da empresa. Segundo o relato de Lih "O racismo não é verbalizado. Foram caras e bocas, julgamentos, expressões faciais o tempo todo. E eu só queria sair. Eu viajo com meus amigos e nunca tive problema, porque estou sempre com uma pessoa branca. Agora, que comecei a andar sozinha, estou sentindo". "Me senti mal, não sei explicar, foi muita coisa. Me olharam de cima a baixo, me trataram extremamente mal, doeu muito. Depois, tinha uma menina branca e eles trataram com sorriso no rosto". (G1 São Paulo)

O racismo descrito no texto pela professora, pode ser conceituado como,

- (A) Identitário
- (B) Ambiental
- (C) Estrutural
- (D) Criminoso
- (E) Histórico

5- Leia a estrofe do poeta e educador social Baticum proletário, que atua na periferia de Fortaleza-CE, preparando jovens, em quase sua totalidade negros, para enfrentar as dificuldades impostas pelo racismo estrutural no país.

*“São tantas formas de matar um preto
Que para alguns sua morte é justificada
Devia tá fazendo coisa errada
Se não era bandido, um dia ia ser
Por ser PRETO sua morte é defendida
O PRETO sempre merece morrer”.*

É a partir da arte que Baticum consegue envolver a juventude em um projeto de fortalecimento dessa população ao promover batalhas de rimas, slams e saraus com temáticas que discutem os problemas sociais. Não por acaso, o tema mais explorado nas rimas, versos e prosas é a violência. Baticum chama a atenção no projeto sobre o racismo, apresentando dados de instituições sérias, para mostrar o racismo. Entre elas o “Atlas da violência” (IPEA,2022). Nestes dados, os negros representaram 77% das vítimas de homicídios, quase 30 assassinatos por 100 mil habitantes, a maioria deles jovens. O Atlas revela ainda que um negro tem quase 2,7 vezes mais chance de ser morto do que um branco, o que justifica o movimento de resistência crescente no Brasil.

MENDONÇA. F. Disponível em: www.cartacapital.com.br. Acesso em: 22 nov. 2021 (adaptado).

O uso de citação e de dados estatísticos nesse texto tem o objetivo de,

- (A) Ressaltar a importância da poesia para denunciar a morte de negros, que cresce a cada dia.
- (B) Destacar o crescimento exponencial da temática do preconceito na produção literária no Brasil.
- (C) Demonstrar o incremento no quantitativo de expressões artísticas na discussão de problemas sociais.
- (D) Evidenciar argumentos que reforçam a ideia de que os negros são vítimas em potencial da violência.
- (E) Salientar o aumento da participação de jovens nos movimentos de resistência na área da cultura.

6 - O racismo estrutural é um tipo de racismo que está enraizado nas estruturas sociais, políticas, econômicas e institucionais de uma sociedade. Ele não depende necessariamente de atitudes ou comportamentos individuais racistas, mas sim de um sistema histórico e cultural que perpetua a desigualdade entre raças, especialmente entre pessoas brancas e negras. O gráfico a seguir mostra dados de como se declara a população brasileira e a classe social em que estão inseridos.



Fonte: Fundação João Pinheiro. Disponível em: <<https://observatoriodesigualdades.fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/infogr%C3%A1fico-sobre-o-racismo-estrutural-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 09/04/2025.

Considerando o texto inicial e os gráficos, onde identificamos o racismo estrutural?

(A) Na forma como a população brasileira se declara, pois notamos que as pessoas encontram resistência em se declarar pretas.

(B) Na pirâmide, os dados revelam que o número de pessoas brancas é menor que de pessoas negras, logo, o racismo estrutural se volta para a minoria branca na sociedade brasileira.

(C) Em como se declara a população brasileira, tendo em vista que a maioria dessa população é preta ou pardo o que se revela como um racismo contra a população branca brasileira.

(D) Na forma como a população brasileira se declara, pois como se pode perceber há um número significativa de pessoas que se declaram como pretas e pardas, contudo, essa população está concentrada na parte baixa da pirâmide social, o que indica falta de oportunidade para que essa população transforme sua realidade social.

(E) O racismo estrutural é observado na presença equilibrada de brancos, pardos e pretos nas diferentes camadas sociais, o que demonstra que não há desigualdade racial significativa no Brasil atual.

De olho nos conceitos

- **Violência racial:** Violência racial é a agressão a grupos étnicos ou raciais, como negros e indígenas. É uma violação dos direitos humanos e uma forma de preconceito e opressão.

- **A Lei 7.716/89,** também conhecida como Lei do Racismo, define os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. A lei foi sancionada em 5 de janeiro de 1989.

Principais pontos da lei.

- 1- Define os crimes resultantes de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.
- 2- Prevê pena de reclusão de 2 a 5 anos para quem impedir ou dificultar o acesso a cargo público, ou promoção.
- 3- Prevê pena de reclusão de 2 a 5 anos para quem negar ou obstar emprego em empresa privada.
- 4- Prevê pena de reclusão de 1 a 3 anos para quem impedir o acesso ou uso de transportes públicos.
- 5- Prevê pena de reclusão de 2 a 4 anos para quem impedir ou obstar o casamento, ou convivência familiar e social.

SEMANA 3 - COMPREENSÕES SOBRE O RACISMO NO BRASIL

Resumo teórico

O Racismo é uma construção Histórica e Social. Não nascemos racistas, machistas, misóginos, homofóbicos, xenófobos, intolerantes e preconceituosos. Aprendemos desde muito cedo no seio das Instituições, sejam: familiares, religiosas, estatais, sociais a exercermos o preconceito, a discriminação e a exclusão social. O racismo no Brasil é também o efeito da colonização realizada pelos portugueses e, principalmente, dos episódios que sucederam à abolição da escravatura. Segundo historiadores, a proibição da **escravização** dos negros trouxe apenas a liberdade perante a lei, mas não houve uma preocupação com a inserção dos libertos e seus descendentes na sociedade. Além de ser o último país ocidental a extinguir a escravidão, o governo brasileiro isentou-se da função de garantir direitos básicos a esta população, como o acesso à moradia, condições de saúde e educação, e inclusão nos meios de trabalho. Com a falta de políticas públicas e perspectivas de indenização pelos anos de servidão, a maioria dos negros foi obrigada a migrar para áreas afastadas da cidade, formando habitações precárias em morros.

As chances de emprego também eram mínimas, pois o governo brasileiro passou a incentivar a imigração de trabalhadores. Podemos destacar duas teorias importantes para a compreensão do racismo brasileiro: a teoria do embranquecimento e o mito da democracia racial. Na primeira, simpatizantes da ideologia de branqueamento “acreditavam” que a “raça” negra iria avançar culturalmente e geneticamente, ou até mesmo desaparecer totalmente, dentro de várias gerações de miscigenação entre brancos e negros. Esta ideologia ganhou o apoio inclusive de intelectuais, e estava ancorada na ciência e no Darwinismo social. A proposta de "branqueamento" da população brasileira com imigrantes europeus teve

defensores como: o médico Sílvio Romero em Pernambuco, Nina Rodrigues na Bahia e João Francisco Lacerda no Rio de Janeiro, além do sociólogo Francisco José de Oliveira Viana, autor do livro clássico "Populações Meridionais do Brasil"

A segunda teoria, a democracia racial, foi um termo criado por Gilberto Freyre, um dos primeiros e mais proeminentes pensadores da sociologia brasileira. Freyre centralizou seus estudos na compreensão das relações sociais dos brasileiros no período colonial de nosso país, procurando estabelecer uma relação de classes entre senhores e escravos para a formação das relações sociais no século XX. Esta teoria que ganhou adeptos na década de 1930, nega as desigualdades raciais, sustentando uma suposta convivência pacífica entre negros, indígenas e brancos europeus.

O mito da democracia racial consiste em uma teoria inconsistente a partir da qual era identificado que no Brasil e em certos países da América Latina, indivíduos marginalizados como indígenas e negros viviam em condição de plena igualdade com os brancos, em um contexto amplamente distinto da realidade estimulada pelo colonialismo e pelo racismo enraizado na sociedade brasileira.

Atividades de aprofundamento

7- É correto dizer que Gilberto Freyre procurou pensar a formação da sociedade patriarcal brasileira, a partir da publicação de Casa Grande e Senzala, influenciado,

- (A) Pelas teorias raciais do nazismo.
- (B) Pela antropologia de Franz Boas.
- (C) Pelo marxismo britânico dos anos 1920.
- (D) Pela teoria crítica da Escola de Frankfurt.
- (E) Pelo pensamento autoritário do fascismo italiano.

8- Até 1950, a discriminação em empregos era uma prática corrente, sancionada pelas práticas sociais do país. Em geral, os anúncios de vagas de trabalho eram publicados com a explícita advertência: “não se aceitam pessoas de cor.” Mesmo após a Lei Afonso Arinos, de 1951, proibindo categoricamente a discriminação racial, tudo continuou na mesma. Depois da lei, os anúncios se tornaram mais sofisticados que antes, e passaram a requerer: “pessoas de boa aparência”. Basta substituir “pessoas de boa aparência” por “branco” para se obter a verdadeira significação do eufemismo.

(Adaptado de Abdias do Nascimento, O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2018, p. 97.)

A partir do excerto, é correto afirmar,

- (A) Apesar da **Lei Afonso Arinos** de 1951, o racismo que existia há muitos anos no mercado de trabalho brasileiro permaneceu por meio de estratégias camufladas.
- (B) A Lei Afonso Arinos de 1951 possibilitou a eliminação do racismo no mercado de trabalho do mundo da moda, que exigia a boa aparência das pessoas brancas.
- (C) Em 1951, o conceito de “pessoas de boa aparência”, ditado pelo mundo da moda e reproduzido nos anúncios de vagas de trabalho, privilegiava o asseio no vestir.
- (D) O racismo foi eliminado das relações sociais brasileiras somente na década de 1990, com a consolidação do conjunto de leis da democracia racial.
- (E) O racismo no Brasil está presente principalmente no mercado de trabalho, mas na educação, nos espaços escolares, foi superado.

9- “Quando se menciona o trabalho escravo no Brasil, a primeira lembrança é a da escravidão negra. Realmente, foi ela a mais marcante, a mais longa e terrível; mas o trabalho escravo se inicia no Brasil com a escravidão indígena” (Tomazi, Nelson Dácio (coordenador). Iniciação à Sociologia. São Paulo: Atual, 2000, p.62).

Considerando a realidade estabelecida pela implantação do trabalho escravo dos negros africanos trazidos ao Brasil, assinale a alternativa correta.

- (A) As condições de vida dos escravos africanos eram terríveis, mas apesar dessas condições a média de vida útil deles era alta e ultrapassa os quarenta anos.
- (B) Os negros africanos reagiram à escravidão das mais diversas formas: através das fugas, dos quilombos, da luta armada, da preservação dos cultos religiosos, da dança, da música.
- (C) O negro é parte integrante da história brasileira, apesar dos muitos preconceitos que ainda persistem contra eles, os indicadores sociais, dados estatísticos mostram que estamos avançando para diminuir as desigualdades raciais.
- (D) O Brasil figura entre os primeiros países latino-americanos a declarar por meio de muitas leis, até a promulgação da lei áurea, a libertação de seus escravos.
- (E) O fim do tráfico de escravos, no Brasil, ocorreu em meados do século XIX, quando começaram algumas experiências com a mão de obra assalariada de indígenas.

De olho nos conceitos

- **A Lei Afonso Arinos (Lei 1.390/51)** foi a primeira lei brasileira a proibir a discriminação racial. Foi proposta por Afonso Arinos de Melo Franco e promulgada por Getúlio Vargas em 3 de julho de 1951.

- **Darwinismo Social:** O darwinismo social é uma teoria que aplica as ideias de Charles Darwin (1809-1882) sobre evolução das sociedades humanas. O racismo é uma ideologia que hierarquiza as pessoas com base na raça, e o darwinismo social foi usado para justificar o racismo.

- **Artigo 1º do Estatuto da Igualdade Racial:**

“Discriminação racial ou étnico-racial: Toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada”.

- **Escravidão:** “O termo ‘escravo’, faz referência a uma condição natural. Portanto, ‘escravizado’, que remete a uma situação imposta por outras pessoas, é a palavra correta a ser utilizada. O mesmo acontece com ‘escravidão’. Esse termo pode ser substituído pelas palavras escravidão ou escravismo, que estão muito mais relacionados à prática de um sistema econômico que existiu durante o período colonial”.

- **Políticas de cotas:** As políticas de cotas no Brasil são um conjunto de ações afirmativas que reservam vagas em universidades e concursos públicos para determinados grupos sociais. O objetivo é combater a desigualdade e promover a inclusão.

SEMANA 4 A DESCOLONIZAÇÃO E O COMBATE AO RACISMO

As relações de dominação e de dependência entre centro e periferia não se restringem a fatores econômicos e políticos, elas dominam a construção dos conhecimentos, a cultura, a produção de subjetividades políticas, o preconceito, as desigualdades e as diferentes formas de violências. Partimos da compreensão que o cotidiano **engendra** modos de pensar, e de comportamentos, e suas consequências são mostradas e verbalizadas em verdades” que se desdobram em preconceito, silenciamento e discriminação. O preconceito esconde as desigualdades, a opressão dos povos originários e de pessoas e populações consideradas “fora” do **padrão hegemônico**.

A **racionalidade dominante** justifica e naturaliza as opressões, e tem sua gênese na colonização, na afirmação de verdades eurocêtricas engendradas na construção de um projeto de modernidade imposto para todas as sociedades exploradas. Desse modo, se naturalizam pre conceitos de primitivo/civilizado, desenvolvimento/atraso, branco/ negro, rico/pobre, centros/periferias, entre outras classificações e hierarquizações. De modo que são reproduzidas em narrativas, discursos, inclusive em leis. Essas narrativas são reproduzidas socialmente, e muitas vezes incorporadas pelos povos oprimidos e pessoas discriminadas ou criminalizadas.

O conceito de **decolonialidade** surge como uma proposta para enfrentar a colonialidade e o pensamento moderno. Alguns autores são pioneiros nessas novas abordagens, como: Aníbal Quijano (2005), Catherine Walsh, Edgard Lander (2005), Enrique Dussel (2000), Nelson Maldonado-Torres (2017) e Walter Dignolo.

A **decolonialidade** é considerada como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos **subalternizados** durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo. O **pensamento decolonial** se coloca como uma alternativa, mas também formas de resistência para dar voz e visibilidade aos povos subalternizados e oprimidos que durante muito tempo foram silenciados.

É importante repensar este conceito na luta concreta dos movimentos sociais. Esse aporte teórico é importante porque objetiva a construção (ou reconstrução) do conhecimento que valorize os saberes de indivíduos, grupos e comunidades **subalternizados**, com foco na realidade e complexidade latino-americana. Desconstruir o preconceito e a violência estrutural, institucional, cultural e subjetiva que se estabelece entre o estado e suas

instituições com os grupos excluídos das decisões. Nesse sentido, o conceito de decolonialidade é um conceito que também traduz a persistente luta política e epistêmica dos movimentos sociais.

Atividades de aprofundamento

10 - Na maioria das escolas do Estado do Pará, a Língua Portuguesa é ensinada a partir de um modelo que privilegia os conteúdos da Gramática Normativa, o que implica, muitas vezes, na negação, silenciamento e desvalorização das variações linguísticas e culturais que marcam a identidade das comunidades afro-brasileiras, indígenas e de outras populações marginalizadas. Essa abordagem pode ser vista como um reflexo do colonialismo, que busca uniformizar as formas de expressão e excluir as culturas regionais e locais.

Tomando como referência o contexto supracitado, assinale a alternativa que representa uma prática de ensino de Língua Portuguesa alinhada aos princípios que estruturam e fundamentam uma prática decolonial:

(A) Ensinar as regras gramaticais da Língua Portuguesa baseando-se exclusivamente nos modelos tradicionais europeus.

(B) Reconhecer e valorizar as diferentes variantes linguísticas faladas no Brasil, incluindo as línguas indígenas e as variedades afro-brasileiras, como o português falado nas comunidades quilombolas e periféricas.

(C) Substituir o português por outras línguas indígenas e afro-brasileiras, abandonando o ensino da língua Portuguesa.

(D) Focar apenas na norma culta do português, ignorando as diferentes formas de comunicação utilizadas pelos estudantes em suas comunidades.

(E) Corrigir os alunos sempre que utilizarem expressões regionais ou gírias, para que aprendam a falar corretamente de acordo com a norma culta.

11 - Durante um evento de conscientização sobre o racismo com ênfase na decolonialidade, discutiu-se os impactos das práticas coloniais no acesso à educação na sociedade brasileira. O debate se estruturou a partir da desigualdade no acesso a recursos educacionais, com foco na representação de saberes tradicionais dos povos afro-brasileiros no currículo escolar. Num gráfico apresentado por um palestrante foi possível notar que a presença dos saberes tradicionais no ensino se faz presente em 25% do currículo de uma escola que busca problematizar e criar situações de aprendizagem a respeito dos conhecimentos afro-brasileiros. Do total de alunos da escola, com esse trabalho estimado em 25%, 80 alunos demonstraram maior interesse e participação nas aulas. Se o currículo fosse aumentado para 50% proporcionalmente teríamos um aumento dos alunos, alcançando uma média de 160 alunos. Analisando o texto, marque a alternativa que melhor explica o aumento de interesse dos alunos acerca do currículo afro-brasileiro:

(A) Com um currículo 50% afro-brasileiro, os alunos irão aprender a negar a importância da língua portuguesa eurocêntrica e valorizar sua identidade linguística local.

(B) Com um currículo 50% afro-brasileiro, o ensino ficará mais fácil, pois as regras gramaticais não mais serão exigidas na produção textual e do conhecimento escolar.

(C) Com um currículo 50% afro-brasileiro, teríamos a possibilidade de valorização **da identidade e cultura** do povo brasileiro, bem como, a diversificação do conhecimento, superação da visão eurocêntrica limitada, produção de conhecimentos e saberes a partir do contexto histórico e social brasileiro e a valorização da diferença cultural que forma a sociedade brasileira.

(D) Com um currículo 50% afro-brasileiro, será possível de maneira imediata superar todos os problemas sociais e mazelas que os sujeitos negros vivem atualmente na sociedade brasileira. Seria uma grande revolução na concepção que a população tem acerca dos saberes, práticas e vivência dos sujeitos negros.

(E) Com um currículo 50% afro-brasileiro, os alunos serão obrigados a estudar somente conteúdos da cultura africana, excluindo todos os outros saberes das demais culturas.

12- “A partir da década de 1970, influenciado por movimentos internacionais como o Black Power norte-americano, emergem no Brasil diversas organizações negras com o objetivo de combater o racismo estrutural, valorizar as identidades afro-brasileiras e reivindicar políticas públicas de reparação. Esses movimentos passaram a atuar em múltiplas frentes na cultura, na política, na educação, buscando romper com os modelos eurocêntricos que invisibilizavam ou inferiorizavam a presença negra na história nacional. Ao longo do tempo, essas lutas promoveram avanços significativos, como a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas.” (Adaptado de Kabengele Munanga e Sueli Carneiro).

Considerando o papel dos movimentos sociais negros no processo de decolonização cultural no Brasil, especialmente a partir da década de 1970, avalie qual das ações abaixo melhor reflete um compromisso coerente com as estratégias históricas desses movimentos.

(A) Incentivar o reconhecimento da contribuição negra à cultura brasileira, sem, contudo, vincular esse reconhecimento a disputas políticas e institucionais.

(B) Apoiar a valorização da identidade negra por meio da participação em espaços culturais, mesmo que se mantenha distante de debates sobre políticas públicas.

(C) Engajar-se no estudo da história afro-brasileira e defender medidas concretas de reparação social, reconhecendo o racismo como estrutura histórica e persistente.

(D) Promover discussões sobre diversidade racial nas escolas, desde que não interfiram nos conteúdos tradicionais e no currículo já estabelecido.

(E) Estimular o empreendedorismo negro como única estratégia de superação das desigualdades históricas enfrentadas pela população afrodescendente.

De olho nos conceitos

- **Colonialismo:** Sistema político, econômico e cultural pelo qual uma nação impõe seu domínio sobre outra, com o objetivo de explorar seus recursos, controlar sua população e impor seus valores, língua e instituições. O colonialismo europeu dos séculos XV ao XX teve efeitos duradouros nas estruturas sociais, políticas e cognitivas dos povos colonizados (Fanon, 1961; Said, 1978).

-**Pós-Colonialismo:** Campo de estudos que examina os efeitos duradouros da colonização nas ex-colônias, abordando como as estruturas coloniais persistem em formas culturais, identitárias e institucionais. O pós-colonialismo também busca desnaturalizar discursos coloniais ainda presentes no presente (Bhabha, 1994; Spivak, 1988).

- **Aporte Teórico:** Conjunto de contribuições conceituais e metodológicas utilizadas como base analítica para refletir ou explicar fenômenos sociais, históricos ou culturais. O aporte teórico orienta a leitura crítica da realidade (Minayo, 2000).

- **Engendrar:** No campo das ciências humanas, o termo refere-se ao ato de gerar ou dar origem a processos sociais, relações de poder ou estruturas ideológicas. Pode ser utilizado para explicar como determinados fenômenos históricos criam desigualdades estruturais (Foucault, 1979).

- **Decolonialidade:** Projeto crítico e epistêmico que propõe a ruptura com as lógicas coloniais do saber, do poder e do ser, ainda presentes mesmo após o fim formal do colonialismo. A decolonialidade propõe valorizar os saberes locais, ancestrais e não ocidentais, desafiando a universalização do pensamento eurocêntrico (Mignolo, 2003; Quijano, 2000).

- **Padrão Hegemônico:** Forma de dominação simbólica e estrutural por meio da qual um grupo ou ideologia se impõe como norma, silenciando ou marginalizando outras formas de pensar, viver e conhecer. O padrão hegemônico geralmente se apresenta como neutro ou universal, mas está enraizado em relações de poder (Gramsci, 1971).

- **Racionalidade Dominante:** Forma de racionalidade que se afirma como única e legítima, frequentemente associada ao pensamento moderno ocidental. Essa racionalidade exclui outros modos de conhecimento, especialmente os de povos indígenas, afrodescendentes e outros grupos historicamente subalternizados (Dussel, 1993; Santos, 2006).

Subalternizar: Processo pelo qual determinados grupos sociais são colocados em posição inferior dentro de uma estrutura de poder, sendo desvalorizados, silenciados ou excluídos das esferas de decisão e reconhecimento social (Spivak, 1988).

- **Lei 10.639/2003:** A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, tornou obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira na educação básica do Brasil. A lei foi sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva

REFERÊNCIAS

AMIN, Samir. Geopolítica del imperialismo contemporáneo. In: BORON, Atilio A. (comp.). Nueva hegemonía mundial: alternativas de cambio y movimientos sociales. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003.

ARENDDT, Hanna. Origens do totalitarismo Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BHABHA, Homi K. The Location of Culture. Routledge.1994.

BENJAMIN, W. Teses sobre a Filosofia da História Lisboa: Relógio D.Água, 1992.

CORRÊA, L. G. Corpo exposto: a representação do negro em dois anúncios de telefonia celular. UNIrevista Rio Grande do Sul, v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Correa.pdf>. Acesso em: 09 abril 2025.

CARNEIRO, S. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <<https://negrasoulblog.wordpress.com>> Acessado em 11 de abril de 2025.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Rostidade. In: Mil Platôs capitalismo e esquizofrenia. v. 3, p. 31-61. São Paulo: 2004.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Mulher Negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos, 2003. Disponível em: <www.dieese.org.br/esp/negro2023.pdf>. Acesso em 07 abril. 2025.

DUSSEL, Enrique. Eurocentrism and Modernity (Introduction to the Frankfurt Lectures). Boundary 2, 20(3), 65-76.1993. 1993.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1961.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal. 1979.

GRAMSCI, Antonio. Selections from the Prison Notebooks. New York: International Publishers.1971.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça - Análise preliminar dos dados. Brasília, 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto. In:CASTRO-GOMEZ, Santiago; GOSFROGUEL, Ramón (Comp). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre. P. 127-167. 2007.

MIGNOLO, Walter D. Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec. 2000.

MUNANGA, K. Educação e Cotas. In: Audiência Pública do Supremo Tribunal Federal, Brasília, 2010.

MUNANGA, K. Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br>> Acesso em 11 de abril de 2025.

NUNES, S. S. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. Revista de Psicologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 abril. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: Santos, B. de S. & Meneses, M. P. (org). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Revista Internacional de Sociologia, 58(51), 93-126, 2000.

SAID, Edward W. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras. 1978.

Santos, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez. 2006.

SCHWARCZ, L. M. Sob o signo da diferença: a construção de modelos raciais no contexto brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

Spivak, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: Nelson, C.; Grossberg, L. (orgs.). Marxism and the Interpretation of Culture. Urbana: University of Illinois Press. 1988.

